

TECH^{sy}TURA

EXPOSIÇÃO DE TRAJES DE 1910 A 1970:

7 décadas. 70 anos de memórias!

FAM – ATÉ 26 DE AGOSTO DE 2023

Uma exposição de trajes do arquivo particular de **Sylvia Demetresco**, como guardiã de roupas e acessórios da família, mas também como VM, ao propor cinco cenografias representativas/relativas às décadas de 1910, 1920, 1930/40, 1950/60, 1970!

O que é guardar roupas, não para um consumir de imediato, mas como preservação de memórias de vidas de uma família?

No meu caso seria eu, Sylvia, uma *Visual Merchandiser*, uma fashionista e curadora de peças da cultura material e de memórias, que contaria essa história/que responderia essa questão.

A ideia é expor uma seleção de vestimentas, **a fim de mostrar detalhes, tecidos, cores e formas**, com a metodologia de uma *Visual Merchandiser*. Penso num modo que todos poderiam entender a evolução de algumas roupas no passar dos anos, como consumista de memórias porque, ao mesmo tempo, eu conto histórias de uma época e de pessoas, acompanhando narrativas e a iconografia presentes/estampadas no/do meu livro, *Me conta um conto* que aumento um ponto, lançado em 2020, que concorreu ao prêmio Jabuti, em duas categorias: texto e editoração.

Esta é uma exposição sobre **moda, consumo e memória**, organizada de forma expositiva e ilustrativa, com as imagens dos trajes apresentados duplamente, tanto no Metaverso como in loco. O objetivo acadêmico dessa exposição é **entender a simbologia e a motivação para aquisição e posse, a partir de rituais de consumo que envolvem o não-descarte**. McCracken (2003) reforça tal entendimento através da lógica de transferência de significados, segundo a qual o significado de um objeto é transferido para a pessoa que o possui através do seu uso. Ao tomar para a si o significado do objeto que utiliza continuamente, o indivíduo-consumidor vê sua identidade confundida com a "identidade" de seu bem. No caso dos bens de herança, essa curadoria de bens de vestuário e outros itens está plena de histórias e afetos que resgatam a memória da ascendência.



Consumo de memória...

UMA EXPOSIÇÃO TEMÁTICA E ILUSTRATIVA COM CENOGRÁFIAS

No meu nicho familiar estruturante, meus pais, Frank Rudolf Schlossinger e Adrienne Louise Stern Schlossinger, casaram-se em 5 de agosto de 1945. Ele nasceu em Heidelberg, em 30 de janeiro de 1913, mas mudou ainda pequeno para Kilchberg, Suíça; ela, por sua vez, nasceu em Genève, Suíça, em 22 de março de 1917. Encontraram-se em São Paulo, por volta de 1943, por serem suíços; conheceram-se por afinidades diversas ou por amor à primeira vista: ele, um bon vivant, recém-separado de sua primeira esposa; ela, uma elegante jovem senhora também recém-separada de seu primeiro marido, o cônsul suíço Paul Albert Felix Blondin, nascido em Genève, em 19 de junho de 1912.

Nasci em 1950, num berço de ouro! Minha vida foi um grande conto de fadas..., e ainda é! Minha mãe Adrienne era adorável, corria 100 metros, mas era a calma em pessoa, e meu pai, Frank, extremamente amoroso, agitadíssimo, "globtrotter", remador. Eles não mediam esforços para nos reter nesta fábula, neste ninho de amor, que era a vida que eles criaram para nós. Num mundo idílico, éramos como princesinhas, eu e minha irmã **Nicole Schlossinger (1953-2009)**; vivíamos neste aconchego em que tudo funcionava pelas mãos mágicas da minha mãe.

As pessoas que trabalhavam com minha mãe a amavam, mesmo ela querendo que todas falassem francês: a cozinheira portuguesa, Maria Inês; a arrumadeira portuguesa, Maria Rosa; a costureira e bordadeira, Josefa; a passadeira, Nadir, e o jardineiro, Benedito. Ainda havia a Dona Dama, massagista que tinha 9 filhos, que era de Araxá, Minas Gerais, e que vinha uma vez por semana de manhã para nossa casa, na rua Itaperuna; tinha a dona Dora, a esteticista que vinha uma vez por semana, à tarde; e a Helena, que vinha fazer depilação. Brincar e ser tratadas como princesas, por todos eles, era o nosso dia a dia.

Bonequinhas enfeitadas, arrumadas e paparicadas 24 horas por dia – dos modos à mesa, ao uniforme da escola, à roupa de festa, até ao pijama: tudo tinha regras da perfeição, estética e charme, propostas por minha mãe. **Nada era feito de qualquer jeito, nem pensar!**

Às vezes, as flores amarelas das sibipirunas atapetavam de sol nossa grama verde, outra vez as flores do jacarandá é que tornavam todo o chão cor azul hortênsia. **Nada de televisão em nossa casa...**, até casar-me! Só assistíamos à televisão na casa da Luly, minha segunda casa: todos os dias à tarde – da minha infância à minha adolescência –, ficava com a Luly, enquanto tia Marianinha, a mãe dela, e minha mãe conversavam, tomando o "famoso whisky" das 6 horas da tarde, na saletinha, na nossa casa.



Por muitos anos, meu dia a dia era colégio, aulas de cerâmica, com a húngara Dona Elly, na Rua Pedro Taxes; aulas de ballet à noite, com a francesa Renée Gumiel, na Rua Augusta; aulas de desenho, na FAAP, com Ana Luiza Bellucci. Preparar-se para viajar no fim do ano para Suíça e ficar no colégio interno durante as férias.

Quando éramos pequenas, íamos para o interior de São Paulo ver o Curtume Itatiba de meu pai. Viajávamos no Chevrolet cinza prata dele ou no Mercury azul da minha mãe ou, ainda, no jeep Willys – verde musgo, da fazenda, caso estivesse chovendo e com muito barro na estrada, lá íamos ver o andamento da fábrica. E na época eu cavalgava 8 horas por dia.



Outros encontros que muito me impressionaram na infância se deram na Suíça, na casa de meu tio, Oncle Henri, quando ele e **seu muito amigo Walt Disney** passavam os dias juntos. A Soleillette, como era chamada a casa de Henri, ficava no Chemin de la Voile, em Genthod; era onde ele e o Sr. Disney se reuniam sempre, e passavam bons momentos conversando no fumoir, a sala que tinha a melhor vista para o Lac Léman. Eles papeavam bastante enquanto meu tio fumava calmamente o seu cachimbo; por outro lado, nós, as crianças, podíamos ficar apenas olhando e, às vezes, passávamos bem devagarinho entre eles, nunca, jamais, fazendo qualquer tipo de barulho! "Era um vaivém das crianças, sempre querendo saber o que acontecia na sala e para ver o famoso visitante.". Walt Disney dizia que ia para Suíça com frequência, porque, para ele, os vilarejos de lá lhe davam boas ideias e inspirações para seus desenhos – **e nós, as crianças, queríamos espreitar o que ele mostrava ao Oncle Henri...**, víamos entusiasmadas, eu, minha irmã e minhas primas, as pilhas de desenhos espalhadas, que eram seus croquis. Por lá, todas as primas velejavam e cavalgavam também.

A frequência das festas e dos encontros na Soleillette duraram cerca de 60 anos. "Sessenta anos!". A última grande festa realizada lá foi em comemoração ao batizado do meu primeiro neto, Arhur, e nela compareceram **72 primos**.

Voltando no tempo, o ano de 1965, em São Paulo, marca uma data importante na época: *nele, ocorreu o meu baile de debutante na Hípica Paulista. "Um sonho!"*.

Meu vestido era de renda de Saint Gall, branco, todo rebordado de flores brancas, recortadas e costuradas no miolo com vidrilhos laranja, pelas mãos da nossa querida Josefa, costureira e bordadeira. Muitos preparativos entre vestido, pérolas, bolsa e sapato.



Estudava no Ofélia Fonseca e depois fui para o Dante Alighieri. Meu pai nos levava ao colégio, bem cedinho, o que nos obrigava a ficar sentadas nos degraus do Parque Trianon até a abertura do portão da escola. Chuva ou sol: sempre sentadinhas ali, para passar a hora. O pipoqueiro chegava, conversava, parece que era mais do que só pipoqueiro... não sei! "Um anjo cuidador? Não sei!". Muitas "artes" rolaram na escola: roubar cadernetas para fazer caricaturas na cabeça do Dante; bisbilhotar debaixo das carteiras para achar o melhor lanche; brigar com a turma dos mais fracos; fazer ginástica e paquerar os meninos, desenhar... Depois desse período do colégio, veio o vestibular.

Comecei prestando para a escola de Engenharia Agrônômica e, de repente, pulei para Artes Plásticas na FAAP... "Quem disse que eu ia trabalhar em curtume? Amava aquilo, mas não para trabalhar lá, como também já não sonhava mais em ser caminhoneira!". Eu adorava a vida de fazenda..., adorava o interior..., mas no fundo me sentia mais artista – **influência da própria convivência com os criativos da minha família e, também porque eu tinha feito cursos demais, de todos os tipos de artes, na FAAP**. Meu pai não gostou, mas também não desgostou. Depois, para apaziguar os ânimos, minha mãe dizia:

"-- Não vamos obrigar ninguém a fazer o que não quer!". E este era "o lema da família". "Geração Baby Bomers!"; "Fazem o que querem, escolhem o que querem, têm tudo nas mãos: viagens, grana, liberdade! Livre acesso..., mas cuidado: não erre!".



Fui para Inglaterra em 1968/69 ficar um ano interna num colégio em Eastbourne, depois numa fazenda de faisões na Escócia. Todos os fins de semana íamos para Londres ver o movimento em King's Road, Carnaby St., ver as bandas nas garagens tocando, comprar kilts tipo minissaia, maquiagem da Twiggy com a famosa caixa preta e a flor prateada em cima, ver os concierges da Fortune & Mason carregar nossas comprinhas... Por um determinado período, Nicole e eu viajamos sozinhas para Suíça e Inglaterra principalmente, muitas vezes.

Em fevereiro de 1972, no carnaval, recém-chegada da Europa, conheci o Mihai. Ele com 25 anos; eu, com 22. Eu estava na Ilhabela, aproveitando as férias de verão, na casa de madeira pré-fabricada do tio Walter van Gessel e da família Falkenburger, no alto do morro do Viana. A vista de lá é maravilhosa, e dá para ver direitinho o canal e seus entornos. O cotidiano da vida naquele lugar paradisíaco se resumia em ficar num deck na prainha, com a turma, se bronzeando; passear no barco. Era um tempo diferente, com hábitos de vida também diferentes; por exemplo: ninguém sabia – e nem precisava saber – por onde os meninos andavam e como se locomoviam; caronas, a pé, nos fuscas da vida, nos caminhões e em barcos... tudo era meio de transporte para as aventuras. E o próprio ambiente da praia era propício e parecia incentivar isso mesmo, tão característico dessa época: total aventura para os meninos e para as meninas, sob a atenção vigiada, de longe, dos tios. E melhor de tudo, sem nenhuma comunicação por semanas de férias... era uma aventura total! "Porque, repito, os tempos e os hábitos eram outros, diferentes dos de hoje!".

Nosso casamento foi lindo! A cerimônia ocorreu no dia 16 de dezembro de 1972, num sábado de manhã, na igreja Anglicana. **Meu vestido era exatamente como eu queria: meio hippie, meio romeno (em referência à descendência do Mihai).** Desde agosto, a Josefa, nossa costureira e bordadeira, preparou o vestido comigo: laranja, amarelo, rosa, roxo e verde eram os fios de algodão grosso e fosco, no ponto haste que preenchiam meus desenhos sobre uma fina organza de seda translúcida. "Este vestido, eu o tenho até hoje, guardado numa linda caixa!". Então, depois do casamento, fomos para Alemanha, por um ano, em 1973.

Em 1974, em São Paulo, voltei a trabalhar na Rolex, já que antes de ir para Alemanha fazia os displays dos relógios da empresa. Minha vida louca era entre Rolex e outras vitrinas que eu fazia nos fins de semana, ou à noite, principalmente em feiras, no Anhembi, em São Paulo. **Mas minha meta era justamente essa, pois sabia que a partir daquele momento, ainda mais depois dos cursos na Alemanha, eu queria mesmo me dedicar a fazer vitrinas; então, queria completar 1.000 vitrinas e displays. Depois de 30 anos, consegui criar mais de 1.500 vitrinas,** todas devidamente registradas por fotos: o trabalho foi árduo, mas bastante compensador; foi de fato muito gratificante. Trabalhei por 30 anos na Rolex São Paulo.



SEMPRE TRABALHANDO...
tivemos 4 filhos maravilhosos

Camilla (1975)

Lillian (1976)

Lucas (1979)

Matheus (1981).

No meio do percurso, eu me doutorei em Comunicação e Semiótica, agregando mais valor à minha prática, **mas em 2014 decidi não fazer mais montagens, embora tenha sido difícil eu me afastar por completo delas; então, resolvi ensinar...**, ensinar esta arte que poucos fazem com as devidas responsabilidades que a empreitada envolve, e cujos resultados muitos amam.

Além de desenhar, fazer colagens e montar vitrinas, preparando material para as aulas, além de escrever, teorizar e explicitar práticas, eu amo estar com meus filhos e meus netos – para eles, adoro fazer geleias. Andar a cavalo era um “must” sempre e, também a esgrima, a ginástica olímpica e o badminton eram os esportes que eu chefiava, jogava, viajava com todos, filhos e atletas, do clube Paulistano, pelo mundo.

Em 2002, fomos morar em Paris por 12 anos. Lá, em 2005, **montei o visual merchandising da loja da Natura: minha primeira loja fora do país; para mim, sem dúvida, foi muito emocionante estar à frente do visual merchandising, em Paris, por quase 10 anos, nessa loja magnífica.** Eu respondia à Helen Kupfer – “Curiosamente, eu tinha feito, na década de 1980, vitrinas para a loja da mãe dela, Giovanna Kupfer, da loja infantil Giovanna Baby na Alameda Franca, e desde então nos tornamos superamigas!”. Helen dizia sempre ser minha cliente e admiradora do meu trabalho!

Em Paris, vivemos anos maravilhosos! Devo isto ao meu querido Mihai! Fizemos tudo que é possível na vida. Moramos em Neuilly-sur-Seine e, depois, em Boulogne-Billancourt. No início desse período, fiz meu pós-doutorado na capital francesa, e ele me resultou o livro *Vitrinas entre_vistas* (São Paulo: Senac), também escrevi o *Guia Confidencial de Paris* (São Paulo: Estação das Letras e Cores), o *Como fazer montras (Vitrimagem)*, com Maria Teresa Valente, minha sócia e companheira, e Marcelo Machado Martins. Minha vida de “globtrotter” era entre Paris – Genève – Vevey todo mês: ver as primas, passear com elas e viajar pelo mundo, dando aulas, pelo Brasil, e em outras partes do globo, de norte a sul, de leste a oeste: China, Costa Rica, Japão, Tailândia, Uruguai... e mais: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Egito, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Noruega, Portugal (onde fui sócia da grande amiga Teresa Monteiro), Romênia, Rússia, Suécia, Suíça e Turquia. Em todos os lugares em que trabalhei, criei amigos com os quais me comunico até hoje. *Nesse período, ainda fazia parte da minha rotina marcar presença em todas as feiras de moda e design da Europa, como editora da Revista INSPIRATION: Maison&Objet, Who's Next, Lingerie, Jeans, Euroshop Frankfurt, London Fair, Design Milão e muitas outras.*

OS FILHOS SE CASANDO, AS NORAS E GENROS AUMENTANDO A FAMÍLIA e os netos e netas nascendo.

Arthur (2004)
Gabriel (2005)
Julien (2010)
Alice (2012)
Maitê (2014)
Léa (2015)
Lola (2015)
Frank (2016)
Teca (2017)



Conheci Paris melhor do que conheço a palma da minha mão!

Cada canto, cada loja, do vintage ao luxo, e isso me capacitou a preparar visitas guiadas específicas de VM, com meus alunos suíços e brasileiros, no mínimo três vezes por ano. **Alguns amigos brasileiros que vinham estudar também entravam no rol do tour específico, conforme o gosto e a necessidade de cada um.**

Entre Paris e São Paulo, montei duas exposições com minhas colagens na Suíça, com amigos e familiares presentes. Fiz mais duas exposições de colagens na PUC, “Moda e os Contos Maravilhosos”.



Ainda depois dessa formação, em Paris, de 2002 a 2004, conclui um pós-doutoramento na minha área, estudando na Ecole de Haute Etudes de Sciences Sociales, EHSS, em Paris. Continuei, na época, com as montagens de vitrinas, e anos depois passei a me dedicar ao ensino, a palestras, seminários e, com mais calma, à produção de várias obras relacionadas aos meus estudos, inclusive participando de eventos acadêmicos e científicos para divulgar minhas pesquisas na área.

Por fim, como autora, escrevi o livro sobre a história da família por ter recebido em 2017, como “herança”, vários diários e cartas de antepassados que fizeram com que, no tempo da pandemia, passasse a me dedicar a eles, da organização à escrita, que terminou em 2020 – e o livro em três línguas foi lançado em setembro 2021, em Paris.

O ano de 2022 foi tudo novidade: primeiro participei de uma exposição com colagens, no Projetoalpha, organizado por Francisca Junqueira; depois retomei a montagem de vitrinas para criar um manual para Lupo; fui curadora do evento Colorindo a Gabriel, no qual montei várias vitrinas com alunos e VMs. A seguir fui convidada por Theo Alexandre e Leandro Pires, a desfilarmos na SPFW.

Por fim, o ano de 2023 começou com uma longa entrevista para o Museu da Pessoa, ao contar a história do mandrião da família que está entre nós desde 1905. Ele também

TECHsyTURA
EXPOSIÇÃO DE TRAJES DE 1910 A 1970:

7 décadas e
70 anos de memórias.

por Sylvia Demetresco